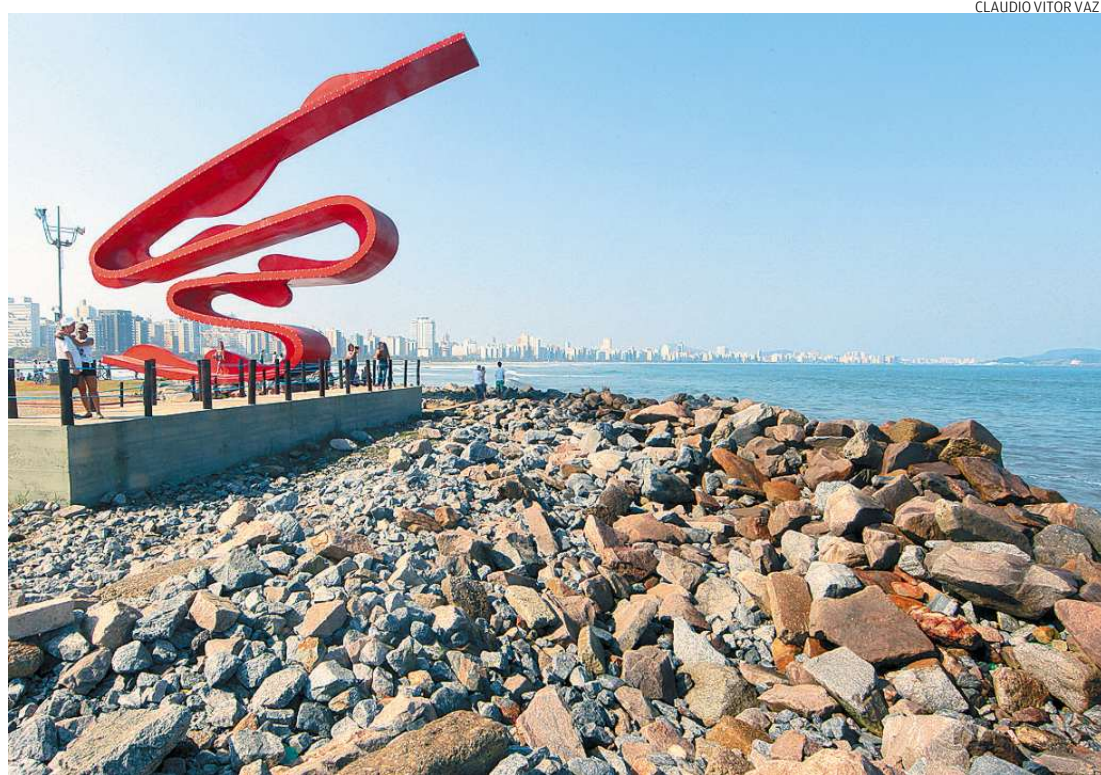




ACERVO FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS (FAMS)



CLAUDIO VITOR VAZ

Plataforma de areia e pedras feita para servir de canteiro de obras foi mantida após entrega do equipamento pela Sabesp. Em 2008 foi inaugurada a escultura de Tomie Ohtake, hoje um dos símbolos do Município

Ele integra o cenário da orla há 35 anos

Emissário Submarino foi inaugurado dia 21 de julho de 1978, com a presença do então presidente da República Ernesto Geisel

SUZANA FONSECA

DA REDAÇÃO
Todos os dias, 432 milhões de litros de esgoto vindos da área insular de Santos e São Vicente são despejados no mar, a 4,425 km da praia do José Menino. O responsável por essa dispersão, feita a 12 metros de profundidade, é o Emissário Submarino, que hoje completa 35 anos.

O sistema, construído pela Sabesp, foi entregue em 1978, quatro anos depois do início das obras. A inauguração foi marcada pela participação do então presidente da República Ernesto Geisel. Na época, cerca de 50% do esgoto coletado em Santos extravasava antes de chegar a seu destino final, a Ponta de Itaipu, em Praia Grande. E o resultado disso eram praias poluídas e risco de doenças, como cólera e diarreia.

Hoje, a presença do emissário na praia somente é sentida devido à existência da plataforma de 400 metros, que abriga o Parque Municipal Roberto Mário Santini e a famosa escultura de Tomie Ohtake.

O espaço atrai centenas de pessoas, nos finais de semana, interessadas em aproveitar as várias opções de lazer: pista de skate, Museu do Surf e arquibancada com vista para o Quebra-Mar, além de áreas verdes, pista de corrida, ciclovia, gibiteca, escolinha de surf, bicicletário e playground.

Apesar do sucesso dos dias atuais, a plataforma nasceu como um canteiro de obras, para a construção do emissário. Inicialmente, a ideia era retirá-la após a entrega do novo sistema. Mas a estrutura foi ficando, com várias tentativas de se dar



ACERVO FAMS



CLAUDIO VITOR VAZ

Vista da orla da praia do José Menino na década de 70, antes do início da construção do emissário, e atualmente, com o parque municipal

uma destinação a ela – como fazer ali um aquário, um parque do Beto Carreiro e até mesmo o Museu Pelé. Somente em 2007 a União cedeu a área à Prefeitura de Santos que, após obter licença do Ibama, iniciou a construção do parque.

SISTEMA

Antes de ser lançado no oceano, o esgoto é direcionado à Estação de Pré-Condicionamento da Sabesp, também no José Menino. Lá, ele passa por

um sistema de gradeamento, semelhante a peneiras, responsável por reter o material sólido – depois encaminhado para um aterro sanitário.

“São retiradas oito toneladas de material gradeado por dia”, explica o chefe do Departamento de Tratamento de Água e Esgoto da Sabesp na Baixada Santista, o engenheiro Wilson Bassotti Filho. Depois, os resíduos passam por um processo de desarenação, em que é retirada mais uma tonelada de

areia. Aí, é feita a cloração do material, que finalmente segue para o Emissário Submarino.

Embora a capacidade de vazão do sistema seja de sete mil litros por segundo, atualmente são despejados no mar cinco mililitros por segundo.

Para que esse material saia do emissário, nos últimos 500 metros do sistema há 76 difusores – ou furos – por onde extravasa o esgoto. “Em 2009, o Emissário Submarino foi ampliado em 425 metros (passan-

do para 4,425 km) e o número de difusores aumentou de 40 para 76”, lembra o engenheiro.

O tratamento que o esgoto recebe na estação atende à Resolução 430, de maio de 2011, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). “Ela determina que os emissários removam, no mínimo, 20% dos sólidos totais”, explica Bassotti Filho. “Com o sistema que temos, chegamos a remover cerca de 30%. É uma estação similar a uma de tratamento”.

Em Cubatão, Geisel evitou jornalistas e reviu amigo

MANUEL ALVES FERNANDES

Antes de inaugurar o Emissário Submarino na praia do José Menino, o então presidente Ernesto Geisel esteve por quatro horas em Cubatão, cidade que conheceu nos anos de 1950, quando era coronel e superintendente da Refinaria Presidente Bernardes-Cubatão.

Já presidente, ele desceu na usina, pela manhã, de uma lancha que o trouxera do Porto de Santos, e foi recebido por Plínio Assmann, que dirigia a Cosipa. Geisel inaugurou o laminador de chapas grossas, marcando o início do estágio três da usina. Andava cercado por seguranças, que o afastavam dos jornalistas e pessoas indesejadas. Mas teve contato com alguns políticos e moradores da Cidade.

Um dos políticos foi o então pleiteante ao governo do Estado. Tentou de todas as formas chegar perto do presidente, sem sucesso. Até que um amigo influente o apresentou: “Presidente, este é Paulo Salim Maluf”. O amigo contou aos jornalistas que Geisel apertou a mão de Maluf e fitou, sorridente.

Os jornalistas encontraram dificuldades para acompanhar a estadia de Geisel na Baixada Santista. Isolados em um cercadinho de madeira, instalado no Centro Esportivo Castelo Branco, em Cubatão, só puderam ouvir os discursos. Perguntas estavam fora de cogitação. Quem fugisse do cercado, como fez o colega Ricardo Marques da Silva, era detido.

Ricardo foi liberado pouco tempo depois. Mas, para os políticos de Cubatão, o ponto marcante da visita foi o momento em que Geisel desceu do elevador do prédio da administração da Cosipa: havia na Cidade uma figura popular, integrante do movimento de emancipação de Cubatão – Celso Grandis do Amaral – que se apresentava como amigo pessoal de Geisel. Muita gente duvidava. E teve de engolir a dúvida.

A cena: o presidente sai do elevador, cercado por seguranças e militares e para. Vê alguém entre os políticos que se aglomeram no saguão do prédio. Abre os braços e fala: “Celso... dê cá um abraço”.

Geisel e Celso já faleceram. Maluf está aí. Atuante.

Melhora na balneabilidade se deu a curto prazo

O santista Pêrsio Faulim de Menezes tinha 30 anos quando começou a acompanhar a construção do novo sistema. Ele era o engenheiro responsável pela obra, que foi entregue em uma sexta-feira.

No dia seguinte, o então apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo, Sérgio Chapelin, encerrou a edição citando o nome de Menezes e dizendo que a balneabilidade das praias de Santos seria melhorada com a entrega do Emissário Submarino.

“E melhorou muito mesmo. Deu resultado a curto prazo”, afirma o engenheiro, hoje presidente da Associação de Funcionários da Sabesp. Segundo Menezes, a construção foi bastante visitada, dado o ineditismo do sistema.

“Antes, tinha sido iniciada em Fortaleza (Ceará) uma obra desse nível, mas era bem menor” lembra o engenheiro.



ACERVO SABESP

À esquerda, o engenheiro responsável pela construção do Emissário Submarino, Pêrsio Faulim de Menezes

PESQUISAS

Atual secretário de Meio Ambiente de Guarujá, o engenheiro Élio Lopes dos Santos trabalhava na Cetesb antes do início

da construção do emissário. E participou das pesquisas para determinar em que ponto o novo sistema deveria lançar o esgoto, a fim de que ele não retor-

nasse para as praias de Santos.

Um frasco contendo substâncias químicas era levado para alto-mar e despejado na água com um corante. A mancha

que se formava, semelhante ao esgoto que seria lançado no oceano, era acompanhada e observada seu comportamento.

“Essa campanha foi feita para ter ideia de como se comportaria o esgoto”, explica Santos. Além dessa pesquisa, outras foram feitas para avaliar o tempo de queda bacteriológica e a velocidade e direção das correntes marítimas. “O emissário proporcionou a melhora na balneabilidade, afastou o esgoto, tirou-o da beira da praia”, avalia o engenheiro.

“Mas, hoje, se me perguntassem se sou favorável a ele, eu diria que não”, pondera Santos. “Porque não é um sistema que faça o tratamento do esgoto. Ele joga a matéria orgânica em alto-mar. A natureza tem os mecanismos de defesa dela, de depuração. Porém, a engenharia tem que auxiliar o meio ambiente, por meio dos tratamentos, para não o sacrificar”.